



Sinfonia ou Suíte dos Orixás? **Uma discussão sobre a performance da obra de Almeida Prado**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

Carlos Fernando Fiorini
UNICAMP – fiorini@iar.unicamp.br

Resumo: Este trabalho discute a escolha entre duas versões da mesma obra: a *Sinfonia dos Orixás*, de Almeida Prado. A segunda versão muda estruturalmente o cerne da obra, transformando-a em uma suíte. Ao apresentar os elementos estruturais que as diferenciam, o autor endossa a adequação do título da segunda versão, porém defende a execução da versão original. Da mesma forma, sugere a inclusão da Saudação a Exu.

Palavras-chave: Almeida Prado. Sinfonia dos Orixás. Suíte. Performance.

Symphony or Suite of the Orixás?: A performance discussion on the Almeida Prado's work

Abstract: This paper discusses the choice between two versions of the same work: Symphony of Orixás, by Almeida Prado. The second version of the work changes structurally its essence, turning it into a suite. By presenting the structural elements that make them different from each other, the author endorses the adequacy of the title of the second version, but defends the performance of the original version. Likewise suggests the inclusion of Greetings to Exu.

Keywords: Almeida Prado. Symphony of Orixás. Suite. Performance.

1. *Sinfonia dos Orixás*

Composta entre 1984 e 1985 por ocasião da comemoração dos dez anos da Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, a *Sinfonia dos Orixás* foi construída originalmente em três movimentos: Chamado dos Orixás (Ritual Inicial), Manifestação dos Orixás e Ritual final. A primeira edição da obra foi publicada em 1985 pela Tonos Verlag, de Darmstadt (Alemanha).

Os breves primeiro e a último movimentos ladeiam o corpo principal da obra, a Manifestação dos Orixás, que está dividida em dezessete partes, onde são ouvidos quinze cantos dos orixás e dois interlúdios. Apesar destas divisões, a música transcorre sem interrupção, do seu início à sua conclusão. Se observada em sua estrutura geral, a *Sinfonia dos Orixás* assemelha-se a uma suíte, com um movimento introdutório e outro conclusivo. No entanto, a denominação original de *Sinfonia* se dá pela forma em que o compositor concebeu o seu desenvolvimento temático.

São dois temas que dialogam por toda a obra. O dos Orixás Femininos se origina como um motivo de três notas, na região de Lá, logo no início do Chamado dos Orixás:



Exemplo 1: Chamado dos Orixás – c.1, trompa I. Motivo dos Orixás Femininos

Este motivo vai se construindo como um tema ao longo da *Sinfonia*, até chegar à sua versão mais completa, no movimento final, o Ritual Final, onde estabelece a tonalidade de Lá maior:



Exemplo 2: Ritual Final – c. 9-11, violino I. Tema completo dos Orixás Femininos

Já o tema relacionado aos Orixás Masculinos, em Mi, sofre o processo inverso: é apresentado como um tema completo:



Exemplo 3: Oxalá I – c.54-64, corne-inglês. Tema dos Orixás Masculinos.

E vai se diluindo até o Ritual Final, transformando-se em motivos rítmicos com a segunda maior Mi-Ré:



Exemplo : Ritual Final – c. 13, vibrafone. Motivo dos Orixás Masculinos.

Temos, então, uma obra claramente construída sobre alguns princípios tradicionais da música ocidental europeia: o desenvolvimento bitemático, com temas contrastantes e escritos em regiões tonais distantes de uma quinta justa (Lá e Mi, respectivamente). Mesmo a forma de exposição dos temas e os procedimentos utilizados para

o desenvolvimento não sendo tradicionais, a estrutura temática da obra se sobrepõe à organização dos movimentos, fundamentando, assim, a denominação original de *Sinfonia*.

2. Suíte do balé “Sinfonia dos Orixás”

Em 2010 o maestro Carlos Moreno idealizou e organizou uma suíte desta *Sinfonia*, que foi estreada sob sua regência, frente à Orquestra Sinfônica de Santo André, uma semana após a morte do compositor, em novembro deste mesmo ano. Nesta suíte, os movimentos inicial e final permaneceram inalterados, enquanto a reorganização ocorreu dentro da Manifestação dos Orixás. Das dezessete partes, oito foram mantidas. Enquanto Obatalá e Ifá, que iniciam o movimento, assim como Iansã, Xangô II e Oxumarê, que o conclui, continuam em suas posições originais, entre estes dois grupos ouvimos Ogum-Obá, Ibeji e Oxalá II reposicionados. Nesta nova configuração, há uma introdução e uma conclusão com uma sequência de cantos no movimento central, independentes do desenvolvimento temático. Sob este ponto de vista, a denominação de *Suíte* ficou adequada, pois, com a exclusão de sete cantos e dos dois interlúdios, além da troca da ordem original de outros três cantos, houve uma subversão da concepção estrutural da *Sinfonia* para dar lugar a uma sequência de cantos.

Esta versão apresenta o título *Suíte do balé “Sinfonia dos Orixás”*. Curiosamente, a única vez em que a obra foi apresentada em forma de balé foi em outubro de 1987, no Grand Théâtre de Genève, com a Orchestre de la Suisse Romande, sob a regência de Jean-Marie Auberson e coreografia de Oscar Araiz. Assim, entendemos que não há razão para tal título. Corroborando com esta ideia, a única gravação, até o momento, foi realizada em 2013 pela Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESP), sob a regência de Celso Antunes. Ela está intitulada como “Sinfonia nº 2 – Dos Orixás: Suíte”¹. Assim, o termo *Suíte* refere-se diretamente a uma extração de trechos da *Sinfonia*, não fazendo nenhuma referência à obra como um balé.

3. Saudação a Exu²

A visão de Almeida Prado sobre os Orixás é carregada de sincretismo religioso com o catolicismo, religião da qual era adepto. Para cada Orixá ele fazia referência a um santo católico. O compositor, deixou de incluir na obra o Exu, pois, segundo a crença católica, este representaria o diabo. No entanto, para a crença iorubana, a invocação do Exu é fundamental para cada rito, pois é ele quem faz a ligação entre os homens e os orixás.

Na estreia da *Sinfonia*, por sugestão dos percussionistas da Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, foi realizada uma improvisação com atabaques em homenagem a Exu, que o compositor autorizou e deixou opcional a sua inclusão nas execuções da obra. A transcrição desta improvisação, bem como a sugestão para que ela seja inclusa nas execuções da *Sinfonia*, constam da minha tese de doutorado (FIORINI, 2004). Também na edição de *Suíte do balé “Sinfonia dos Orixás”* há uma nota sobre sua execução: “A Suíte poderá ser iniciada com um toque de percussão – improvisado de três atabaques minimamente, com aproximadamente 1’30” e inspirado nas manifestações relacionadas a Exu.

No primeiro registro fonográfico da *Sinfonia*, realizado pela Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, sob a regência de Benito Juarez, logo após a sua execução pública, já incorpora a Saudação a Exu. Tanto pelo registro fonográfico quanto pela sua inserção no momento da criação da obra, durante os quais o compositor sempre esteve presente, entendemos que a Saudação a Exu já nasceu como parte integrante da *Sinfonia dos Orixás*, embora o compositor deixasse a sua inclusão como opcional.

4. Comparativo das versões

A partir do relatado acima, temos o seguinte comparativo entre as versões:

Sinfonia dos Orixás

Saudação a Exu (opcional)

I – Chamado aos Orixás: Ritual Inicial

II – Manifestação dos Orixás

1 Obatalá

2 Ifá

As águas do rio Níger: Interlúdio I

3 Oxalá I

4 Xangô I

5 Oxalá II

6 Oxum

As águas do rio Níger: Interlúdio II

7 Ogum-Obá

8 Ibeji

9 Omulu

10 Oxalá III

Suíte do balé “Sinfonia dos Orixás”

Saudação a Exu (opcional)

I – Chamado aos Orixás: Ritual Inicial

II – Manifestação dos Orixás

1 Obatalá

2 Ifá

7 Ogum-Obá

8 Ibeji

5 Oxalá II

13 Iansã

14 Xangô II

15 Oxumarê



11 Oxóssi-Ossaim

12 Iemanjá

13 Iansã

14 Xangô II

15 Oxumarê

III – Ritual Final

III – Ritual Final

Na coluna da *Sinfonia* estão em negrito os trechos aproveitados pela *Suíte*. Já na coluna da *Suíte*, dentro do segundo movimento, os cantos estão colocados na ordem por ela estabelecidos, mas foram mantidos os números da ordem original da *Sinfonia*.

Nenhum material musical novo foi utilizado na *Suíte*. A única observação a ser feita é que entre Oxalá II e Iansã, como transição foram aproveitados quatro compassos que correspondem aos quatro compassos iniciais de Oxum, justamente o canto que sucede Oxalá II na *Sinfonia*.

5. Conclusão

Enquanto a versão original da obra foi escrita inteiramente pelo compositor, a *Suíte* não foi organizada por ele, mas o trabalho teve sua autorização. Entender a *Suíte* como uma obra perfeitamente acabada significa assumir cada um dos cânticos nela contidos como as menores unidades constituidoras da obra, as quais passam a assumir uma importância que não se configurava como tal na versão original. Como *Sinfonia*, estas divisões são pouco perceptíveis, pois o que conduz a música é sua exposição e desenvolvimento temático e estrutural.

A *Suíte* funciona perfeitamente em uma execução musical, assim como tantas outras obras do repertório orquestral. Afirimo, inclusive, que, por terem sido mantidos os movimentos inicial e final integralmente, assim como a ordem dos dois primeiros e dos três últimos cantos da Manifestação dos Orixás, a obra mantém ainda muito da coesão da música original, nos permitindo traçar um paralelo com a *suíte* extraída de *O Mandarim Maravilhoso*, de Béla Bartók.

Por outro lado, ao conhecermos a música original da *Sinfonia*, fica claro que a *Suíte* perde parte significativa da ideia original da estrutura da *Sinfonia*, subvertendo a sua estrutura e levando o ouvinte a entender a obra como uma sequência de cânticos, não como uma obra de desenvolvimento temático. Além disso, também é sentida a ausência dos



interlúdios, que funcionam como pontos de repouso estrategicamente colocados em meio aos temas dos Orixás Femininos e Masculinos.

Assim, entendemos que a *Suíte* é perfeitamente realizável e absorvida como uma música completa, no entanto, somente a primeira versão proporciona a compreensão da concepção original da obra. Portanto, a sugestão deste autor é para que, sempre que possível, a opção para a performance seja a da *Sinfonia dos Orixás*.

Completando esta ideia, a partir do que já fora mencionado acima, como a Saudação a Exu foi incorporada à obra desde sua estreia e em seu primeiro registro fonográfico, também entendemos que esta introdução já se configura como parte integrante da obra e, como tal, deve estar sempre presente em sua execução, seja na versão original ou como suíte.

Referências:

FIORINI, Carlos Fernando. “*Sinfonia dos Orixás*” de Almeida Prado: um estudo sobre sua execução através de uma nova edição, crítica e revisada. Campinas, 2004. 380p. Tese (Doutorado em Música). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

ALMEIDA PRADO, José Antonio Rezende de. *Sinfonia dos Orixás*. Darmstadt: Tonos Verlag, 1985. Partitura.

ALMEIDA PRADO, José Antonio Rezende de. *Suíte do balé “Sinfonia dos Orixás”*. São Paulo: OSESP, 2011/2012. Partitura. Edição para execução da obra, sem distribuição comercial.

ALMEIDA PRADO, José Antonio Rezende de. *Sinfonia dos Orixás*. Partitura manuscrita.

BARTÓK, Béla. *Der Wunderbare Mandarin, op.19*. Viena: Universal Edition, 1999. Partitura

INSTRUMENTAL EDITION *Catalogue of Works: Contemporary Music*. Damstad: Tonos Verlag. 2012. 74p.

SINFONIA DOS ORIXÁS. José Antonio Rezende de Almeida Prado (Compositor). Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas. Benito Juarez (Regente). Campinas: Instituto de Artes da UNICAMP, 1985. LP.

SINFONIA DOS ORIXÁS E OUTRAS OBRAS SINFÔNICAS. José Antonio Rezende de Almeida Prado (Compositor). Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo. Celso Antunes (Regente). São Paulo: Selo Digital OSESP, 2013. Distribuição on-line pelo site www.osesp.art.br.

Notas



¹ A numeração da *Sinfonia dos Orixás* não está correta, pois, antes desta, Almeida Prado havia escrito outras duas sinfonias: a Sinfonia nº1 (1970) e a Sinfonia UNICAMP (1975-6), como consta da página 50 do catálogo de música instrumental da Tonos Verlag.

² O título da introdução de Saudação a Exu foi dado e registrado por mim, e referendado pelo compositor, na minha tese de doutorado.